

ROTHKO

A pintura de Rothko parece o oposto absoluto: desaparece qualquer vestígio de figuração ou imagem, o signo é absorvido na calma tranquila da cor de pouco empaste, sem brilho, apenas levemente movida por breves managens de tom.

E, no entanto, Rothko também não é um contemplativo num mundo de atirustas, e que ação tampouco é projetada.

Seus quadros pretendem ser apenas paredes coloridas. Mas, antes dele, nunca ninguém se perguntou o que é uma parede (limite, proteção, tela entre um aqui, onde estamos e um lá que é o mundo) no psicólogo do fundo.

Nona existência se desonda quase que por inteiro entre quatro paredes, que limitam e condicionam nossa experiência. E a parede não é apenas uma superfície sólida de tijolo rebocado, é também uma cor; e o ato do pintor que pinta uma parede não é menos construtivo que o do arquiteto que a projeta e do pedreiro que a ergueu. O gesto pictórico de Rothko é o gesto pacato, um pouco, do caiado que pinta um muro; pouco a pouco, seguindo o ritmo regular do ornamento que espalha a cor, percebe-se que a frente altera a situação ambiental, e que está nascendo um espaço onde não havia senão uma interrupção na continuidade do espaço.

A parede deixa de ser um limite, uma interdição primitiva:

Celso Bivelli -
Felício Thyjuz -

Como que absorvido e filtrado pela trama da cor,
o espaço de lá para para o de cá, transborda dos
limites do muro, invade o aparente com o seu vapor.
A parede torna-se ambiente; o espaço infinito cósmico
torna-se espaço empírico, para viver dentro dele.

O espaço definido pela pintura já não é o de lá,
mas o de cá de superfície pintada, e esta, como os
mosaicos das igrejas bizantinas (Kotthaus e seus)
reve para além o ar no vão arquitetônico.

As faixas, as diversas camadas de cor, as paisagens
cromáticas, não são atenuações no compimento de
ondas de emissões luminosas.

Essa identidade entre espaço e cor é o ponto de partida
para a pesquisa, que terá amplos desenvolvimentos
sobre a extensão das camadas cromáticas uniformes e
a estruturação, também plástica do campo visual, ou seja,
aquela importante corrente de (Optical) - Art americana,
que estude o problema de percepção em relação com o
condicionamento ambiental.

Argan 579

Todos os quadros de Albers apresentam o mesmo esquema:
quadros insulados um no outro e cobertos de camadas
cromáticas uniformes, entre cujas qualidades implícitas
de luz estabelece-se uma relação ao mesmo tempo
métrica e tonal, racional e perceptiva. Tem-se
assim um processo no interior de imagem imóvel:
as superfícies planas desenvolvem um volume, e não
apenas para-se do quadro ao olho, mas o próprio
olho pode ser lido como cavidade e volume. O processo de desfecho
e relacionamento das quantidades - qualidades cromáticas define-se

Trata-se pois de um processo mais psicológico do que estrutural-
mente matemático, o qual é desenvolvido pelo desenvolvimento implícito
que vive a geometria de Albers na ESPACIALIDADE EXPANSIVA E PURAMENTE CROMA-
TICA.

ES 0470
Vol 18/33